

NISE DA SILVEIRA: ARTE, CIÊNCIA E SAÚDE MENTAL

NISE DA SILVEIRA: ART, SCIENCE AND MENTAL HEALTH

DOI: <https://doi.org/10.16891/2317-434X.v10.e3.a2022.pp1512-1520> Recebido em: 08.03.2022 | Aceito em: 16.07.2022

Lidiane Bernardo Gomes^{a*}, Francisco Francinete Leite Junior^a

Centro Universitário Doutor Leão Sampaio^a
E-mail: lidianegeo.lb@gmail.com

RESUMO

O presente artigo tem como objeto analisar a trajetória de Nise da Silveira e suas contribuições para a atuação no campo da Saúde Mental. Para tanto, usamos como metodologia a revisão da literatura narrativa, deu-se através de uma construção que se deu seguindo um caminhar singular, próprio e aberto às possibilidades. A busca se deu inicialmente na base de dados Periódicos Capes, Google acadêmico e SciELO usando como descritores: Nise da Silveira; ciência e saúde mental. A partir da leitura desses artigos, tomando com base as referências inerentes ao assunto desse artigo, fomos direcionados a navegar por outros lugares. Então, em um segundo momento, voltamos a usar novos descritores: Mulheres cientista; Brasil; mundo. A análise possibilitou perceber que Nise da Silveira contribuiu para a área de saúde mental pelo fato de considerar um tratamento humanizado no qual o sujeito não é somente um ser acometido e diagnosticado por um manual.

Palavras-chave: Nise da Silveira, Saúde Mental, Ciência, Arte, Psicologia.

ABSTRACT

This article aims to analyze the trajectory of Nise da Silveira and her contributions to work in the field of Mental Health. For that, we used as a methodology the review of the narrative literature, it was through a construction that took place following a singular, proper and open walk to the possibilities. The search was initially carried out in the database Periódicos Capes, Google academic and SciELO using as descriptors: Nise da Silveira; science and mental health. From reading these articles, based on the references inherent to the subject of this article, we were directed to browse elsewhere. Then, in a second moment, we returned to using new descriptors: Women scientist; Brazil; world. The analysis made it possible to perceive that Nise da Silveira contributed to the mental health area due to the fact of considering a humanized treatment in which the subject is not only affected and diagnosed by a manual.

Keyword: Nise da Silveira, Mental Health, Science, Art, Psychology.

INTRODUÇÃO

A história da representatividade de gênero, a partir do feminino no meio científico seguiu seu curso na invisibilidade, semelhante aos outros segmentos da vida em sociedade, sendo indubitável a atuação hegemônica masculina. Assim a ciência foi, também, espaço de negação e estereótipos, presentes na construção social de papéis ditos femininos que coloca a mulher como aquela que desempenha as funções domésticas e do cuidar e o homem diretamente ligado às funções de negócios, administrar, chefia, entre outras. Em outras palavras a mulher no espaço privado e os homens no espaço público.

São amplamente conhecidas e estudadas as tendências para a segregação horizontal e vertical no mercado de trabalho, com efeitos diretos nas percepções dominantes sobre o lugar de homens e mulheres entre os e nos diversos grupos profissionais. Decorrente de uma multiplicidade de causas, de entre as quais cabe destacar as distintas representações dominantes sobre os papéis sociais atribuídos a homens e mulheres, é possível constatar uma tendência universal para a concentração das mulheres e dos homens em diferentes tipos de atividades profissionais e, dentro de cada grupo profissional, para uma concentração das mulheres nos níveis mais baixos da hierarquia profissional (SANTOS & CARVALHO, 2016, p.11).

A abertura de espaço para a mudança social de papéis se deu a partir dos séculos XV, XVI e XVII, de acordo com Leta (2003). Isso porque esse período é marcado por grandes transformações nos diversos setores da sociedade, a exemplo disso, a entrada da figura da mulher nas universidades. Porém, isso não foi suficiente para romper com a invisibilidade feminina. Neste espaço elas tiveram que enfrentar fortemente várias adversidades. Segundo Olinto (2011), tal fato se explica pelo que ele nomeia de “teto de vidro”, ou seja, a sustentação de que não se percebe quais os obstáculos impedem a ascensão da mulher em certas atividades.

Ainda de acordo com Olinto (2011) “a desigualdade entre homens e mulheres pode ser considerada um desperdício”. Ela complementa seu pensamento colocando em pauta o que aponta a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OECD): “Deixar as mulheres para trás significa não somente desprezar as importantes contribuições que as mulheres trazem para a economia, mas também desperdiçar anos de investimento em

educação de meninas e jovens mulheres” (OECD apud OLINTO 2011, p.68).

A consideração acima diz respeito ao fato de que a partir da segunda metade do século XX o meio acadêmico se passa a ser ocupado por mulheres nas atividades docentes e discentes. “Assim, embora as mulheres atualmente tenham acesso à formação acadêmica e à área científica, as oportunidades de avanço na carreira científica ainda não são equitativas” Cavalli & Meghioratti (2018, p.87). As autoras desenvolveram um trabalho sobre figuras de cientistas com alunos do oitavo ano do ensino fundamental em uma escola no Estado do Paraná. O estudo em questão utilizou o Teste DAST (Draw a Scientist Test), proposto por Chambers (1983) Cavalli & Meghioratti (2018). O estudo concluiu “que as alunas e os alunos investigados tinham uma visão estereotipada dos cientistas, com ideia de uma ciência masculinizada” Cavalli & Meghioratti (2018).

Tal disparidade entre os gêneros restringe a percepção dos vários espaços de atuação profissional para as mulheres, demonstrando o lugar de privilégio dos Homens. Os fatos que impossibilitaram as mulheres de fazer parte da ciência atravessam os tempos, as mudanças sociais indicam na modernidade a necessidade de equidade de papéis.

Naquela época algumas mulheres, tais como Margaret Cavendish ou duquesa de Newcastle, Sophia Germain, a astrônoma Maria Winkelman, e a Marie Curie, já vinham atuando no campo da ciência; entretanto, para que essa atuação ocorresse, algumas utilizavam-se de pseudônimos masculinos, outras apareciam na figura de ajudantes de seus maridos ou filhos cientistas e algumas mulheres produziam conhecimento fora do espaço da academia em um trabalho considerado informal (CASEIRA & MAGALHÃES 2016, p.1525-1526).

O “teto de vidro” que sustenta a discrepância da atuação da mulher em determinadas áreas do conhecimento encontra suporte em afirmação preconceituosa de que a mulher é intelectualmente menos capaz do que o homem de entender conceitos das áreas ditas exatas, “as ciências mais abstratas, como a matemática, a física, a filosofia” Kovalski et al (2013). As autoras argumentam que:

Embora a sociedade tenha se modificado em vários aspectos e as mulheres estejam presentes em diferentes áreas de trabalho, ainda no século XXI a herança de determinados conceitos influencia tanto nas ações das mulheres quanto nos julgamentos

sofridos por elas. (KOVALESKI et al, 2013, p.10).

No decorrer dos séculos as mulheres deram suas contribuições para a ciência, no entanto, de algum modo isso foi camuflado.

A maioria dos químicos e das químicas de hoje não sabem que devem o nome de um dos métodos mais simples da química, o banho maria, à Maria, a Profetisa, ou Maria, a judia, célebre alquimista de Alexandria. Maria viveu provavelmente no início do século II, após Jesus Cristo (KOVALESKI et al, 2013, p.15).

São inúmeros os nomes de mulheres que contribuíram de algum modo para o desenvolvimento da ciência que hoje temos acesso. “No Brasil, Amélia Pedrosa Benebien (1860-1904), Rita Lobato Lopes (1867-1954), Antonia Dias (XIX) foram as três primeiras mulheres a se formarem médicas” Kovaleski et al, (2013). Nesse sentido, segundo Schiebinger (2008) “acabar com o preconceito de gênero na medicina ajudou a melhorar a saúde e o bem-estar das mulheres”.

Nesse período uma mulher brasileira e nordestina também almejava um espaço nas ciências médica. Nise da Silveira que fora uma médica psiquiatra a revolucionar a maneira de tratar os pacientes com doenças mentais, e, também, a própria doença, assim teve enfrentar o preconceito de ser mulher no meio onde predominava a figura masculina.

De acordo com Farias (2013) esse panorama coincidia com o momento em que o mundo enfrentava o desenrolar do pós-guerra e, em se tratando, de contexto brasileiro a realidade de um Estado Novo, governado por Getúlio Vargas, que proporcionaria prisão e exílio para ela sob acusação de fazer parte de movimentos feministas em primeiro momento e depois por possuir livro marxistas. Nise volta a atuar no hospital psiquiátrico do Engenho de Dentro, no Rio de Janeiro, em 1944.

Pelo momento que a saúde mental enfrenta atualmente, escrever sobre Nise da Silveira e suas contribuições para a saúde mental é de suma importância, pois estamos presenciando um cenário de contra reforma psiquiátrica que deixa de lado toda uma história de luta e conquista. Tal situação retoma qualidade heterônima do tratamento aos doentes mentais que outrora fora quase extinguida mediante muito esforço daqueles que como Nise da Silveira, acreditavam no cuidado humanizado onde o sujeito adoecido é também parte do processo de tratamento de sua condição de saúde, ou seja, o cuidado

humanizado é acima de tudo dá direito a sujeito ter sua autonomia diante do tratamento. Assim sendo, o objetivo desse artigo é compreender a trajetória de Nise da Silveira e suas contribuições para a atuação no campo da Saúde Mental.

ASPECTOS METODOLÓGICOS

Esse artigo é uma revisão narrativa da literatura sobre a médica psiquiátrica Nise da Silveira e suas contribuições para a atuação na Saúde Mental. O percurso metodológico aqui traçado não compõe um caminho linear e predeterminado. Foi uma construção que se deu seguindo um caminhar singular, próprio e aberto as possibilidades, assim “delineou-se uma cartografia. Conectados a outras experiencias, os elementos que a compõem podem (ou não) gerar outras tantas cartografias” Rolnik & Guatari (1996, p.13).

Uma cartografia no sentido de que a cada artigo descoberto abria-se espaço para que outros territórios fossem visitados sem orientação delimitada. Sendo assim, de início buscamos artigos na base de dados dos Periódicos Capes, usando como descritores: Nise da Silveira; ciência e saúde mental. Nesta fase encontramos 8 artigos, específicos, sobre Nise no site da SciELO. A partir da leitura desses artigos, tomando como base as referências inerentes ao assunto desse artigo, fomos direcionados a navegar por outros lugares.

A cada artigo que descobríamos novos horizontes surgiam. Então, em um segundo momento, voltamos a usar novos descritores que mais especificamente nos possibilitava conhecer o tema em questão: Mulheres cientista; Brasil; mundo. E mais uma vez fomos tomados por um leque de possibilidades. Novas referências, novos artigos e assim, nosso reportório de “agenciamentos” Rolnik & Guatari (1996) ia se incrementando.

Ao final tínhamos 33 artigos bem diversificados, sendo a maioria sobre Nise da Silveira, e outros sobre: mulheres cientistas, ciência, gênero na ciência (no mundo, no Brasil e Nordeste). Foram encontrados, também 5 cinco com termos corretos e fizemos uso também de arquivos físicos próprios, além de documentários e vídeos sobre Nise da Silveira.

NISE DA SILVEIRA: UMA MULHER ADENTRA AO CAMPO DA SAÚDE MENTAL

Nordestina, nascida em Maceió no Estado de Alagoas, Nise da Silveira, deixou seu legado para o campo da psiquiatria, contribuindo para o campo da saúde mental

e especialmente possibilitando a percepção do espaço da mulher na ciência. Nise enquanto estudante universitária foi a única mulher da turma no curso de medicina, numa época em que prevalecia a presença masculina em alguns espaços e profissões. Nesse sentido, sua trajetória foi marcada por fazer-se inserir em espaços, anteriormente, de predomínio masculino.

Nise, representou a mulher na ciência a partir do momento que se viu em meio a realidade de um hospital psiquiátrico onde os clientes, na época pacientes, eram tratados desenvolvendo atividades laborais, como limpar chão e outros tipos de limpezas do local onde eram internados. Enfrentou os desafios de ser a única médica psiquiatra do local e enfrentou os paradigmas da ciência e dos colegas de profissão. Teve a audácia de apresentar um jeito novo de tratar os doentes mentais, mesmo sendo ignorada.

Num momento e num espaço onde doentes mentais eram vistos como pessoas que precisavam ser tiradas no convívio social e recebiam tratamentos desproporcionais aos modos de fazer saúde hoje, Nise se destacava por resistir às técnicas assistenciais as quais a psiquiatria havia se apropriado nos anos em que esteve ausente da sua prática médica que entre os motivos está o fato de ela ter sido exiliada durante o governo Vargas, por isso era considerada a rebelde da psiquiatria.

Quais foram as motivações dessa resistência? (...) “Um dia apliquei choque de insulina em uma paciente e a mulher depois não acordava. Aflita, apliquei-lhe soro glicosado na veia e nada da mulher acordar. Tentei de novo, até que consegui. Aí disse: nunca mais” (GULLAR, 1996 apud MAGALDI, 2018, p.74).

De volta ao exercício de sua profissão Nise se recusa a usar a técnicas de tratamento absurdas e sem efeitos de melhora nos pacientes esquizofrênicos que habitavam o Hospital Psiquiátrico. Em contra partida foi dado a ela como local de trabalho o setor de terapia ocupacional, nesse contexto, ela passa a fazer uso da arte com base nas teorias da Psicologia Analítica Junguiana.

Durante os 28 anos em que dirigiu o Setor de Terapêutica Ocupacional e Reabilitação (STOR) no Centro Psiquiátrico Pedro II (1946-1974), diversas pesquisas foram desenvolvidas com o intuito, entre outros, de: registrar os resultados obtidos com a utilização de atividades; comprovar a eficácia dessa forma de tratamento; investigar efeitos nocivos dos tratamentos psiquiátricos tradicionais; comprovar

capacidades criativas e de aprendizado dos esquizofrênicos (CASTRO & LIMA, 2007, p.366).

Tal fato evidencia a perspicácia de uma mulher nordestina disposta a enfrentar uma profissão predominantemente ocupada por homens. Além disso, ela estabelecia com muita notoriedade uma nova maneira de olhar o doente mental, pois considerava que se por um lado eles adormeciam sua capacidade lógica, racional; por outro mantinham viva a afetividade.

Nise da Silveira também ocupa espaço de destaque e pioneirismo enquanto mulher no exercício de sua profissão no tocante ao desenvolvimento de trabalho humanizado no ramo da psiquiatria. Ela aparece como uma importante médica, profissional psiquiatra na luta antimanicomial.

No começo do século XX, encontramos igualmente os trabalhos do Dr. Ulisses Pernambucano, considerado um dos pioneiros da psiquiatria social brasileira. No hospital psiquiátrico de Juqueri, nos anos 20, o dr. Ozório César utilizava-se da expressão artística como instrumento terapêutico. Nessa mesma linha, nos anos 40, temos o importante trabalho da psiquiatra Nise da Silveira e o Museu de Imagens do Inconsciente e, nos anos 60 e 70, têm relevância as experiências de comunidades terapêuticas desenvolvidas em diversos estados, em especial São Paulo e Rio Grandes do Sul (YASUI 2010,p.32).

Nesse contexto, Nise da Silveira enquanto mulher nordestina é merecedora de reconhecimento, pois diante de todas as adversidades que o momento vivido por ela lhe impunha, ela foi símbolo de grande demonstração de coragem e entusiasmo na luta pela desmercantilização da loucura e tratamento digna aos doentes mentais. Em um momento em que o mundo enfrentava o movimento pós guerra e o Brasil se encontrava à beira de uma ditadura, a doutora Nise da Silveira contraria a maneira de fazer psiquiatria inserindo no seu fazer a arte, encarada como possibilidade de penetrar o mundo interno que se ocultava diante de tratamentos agressivos aos direitos humanos daqueles pacientes.

Apesar de toda hostilidade e barreira existente ela encarou todos os desafios. Mostrava-se uma médica que lutava pelos seus pacientes como uma mãe luta pelos seus mãe com muita perseverança e sem se intimidar diante de uma sociedade onde existia a segregação de gênero e divisão de papeis, a famosa conversa de “coisas de homens e coisas de mulher”. A vivência de Nise atravessou e perpassou todos os paradigmas e sua luta foi árdua, mas

rendeu bons frutos para os cuidados com doentes mentais, assim como, representatividade feminina no campo da saúde.

Não bastasse ser mulher e nordestina, médica e psiquiatra, foi também uma antipsiquiatra precoce, com idéias socialistas em pleno Estado Novo. E foi dessa configuração muito singular que certamente resultou a obra que a tornou conhecida no Brasil e no exterior: o Museu de Imagens do Inconsciente (FRAYZE-PEREIRA, 2003, p.198).

O museu supracitado é um exemplo de instituições fundadas por ela, pois Nise fundou também a Casas das Palmeiras. De acordo com Magaldi (2020), em virtude de sua disposição na luta contra uma psiquiatria “biológica” e “fiscalista”, sua vida e seu legado recebem reconhecimento em filmes, teses, livros, prêmios, biografias e exposições.

ENTRE A CIÊNCIA E A ARTE: INFLUÊNCIAS TEÓRICAS SOBRE UMA PRÁTICA DE CUIDADO

A última metade do século XX foi marcada por sucessivas tentativas de humanizar o tratamento das doenças mentais. Em diversos países como Reino Unido, França, Estados Unidos e Itália vários movimentos se desenvolveram com objetivo de implantar uma psiquiatria fora dos moldes asilares e biomédicos

Esse foi um período da história da saúde mental duramente marcado por uma política onde a loucura andava lado a lado com as relações de poder e os estabelecimentos eram “lugares de controle social caracterizados pela violência, exclusão e alienação” Magaldi (2020, p. 4). Nesse contexto os anos de 1950 a 2000 foram emblemáticos para a saúde mental no Brasil e no mundo.

Isto por que surgia a partir da literatura obras que representavam um significativo movimento de “contracultura”. A título de exemplo, destacamos aqui o livro de Michel Foucault, 1960, “A história da loucura”. No Brasil o movimento se desencadeia em meio a ditadura militar vindo a se consolidar em 2001 com a promulgação da Lei da Reforma Psiquiátrica, também conhecida como, a Lei Paulo Delgado.

Além da literatura outro movimento foi fundamental para o desenvolvimento, de modo positivo, da saúde mental, sendo representada por uma personagem ímpar que usou a arte pela pintura e moldura como forma de tratar pacientes classificados como loucos e

esquizofrênicos.

Nise da Silveira, desenvolveu trabalho de arte com os pacientes na Seção de Terapêutica e Reabilitação no Hospital Psiquiátrico sem levar em consideração os manuais de psiquiatria. Ela considerava a arte como um canal aproximação e ousava dizer que podiam rasgar os manuais de psiquiatria, pois ela agiria de acordo com os seus princípios, estruturados no afeto, e teorias, como a junguiana, em relação ao cuidado com os doentes. Tais colocações sobre o agir de Nise são relatados no vídeo, “Ciência e Letras - Nise da Silveira” (2013), disponível no youtube onde o apresentador, Renato Farias, recebe Martha, a artista plástica que atua junto à Nise no projeto de arteterapia no Engenho de Dentro. Deixando claro que ela não rejeitava a ciência, apenas não seguia a linha de classificar os doentes. Em entrevista concedida “ao terapeuta ocupacional e professor da Universidade Federal de Pernambuco, Luís Gonzaga Pereira Leal, no dia 28 de julho de 1992, em sua residência no Rio de Janeiro” Leal (1994, p.23), quando questionada sobre a organização do mundo externo versus interno do paciente ela responde o seguinte: “Eu parto sempre do que o doente diz, escuta ou faz. Nem sempre considero aquilo que os livros falam. Nem mesmo os de Jung. No entanto, há uma grande coincidência no que o doente faz, sente e fala e o que Jung ensina” Leal (1994, p. 24).

A médica foi bastante influenciada pela teoria junguiana. No entanto, encontrava inspiração para seu modo de cuidar para além das teorias, sendo assim usava animais, especialmente os cachorros como “co-terapeutas”. Além disso, apostava no contato com a natureza como uma forma de incentivar a criatividade dos pacientes na hora de externar seus sofrimentos psíquicos. Isso fica claro no filme: “Nise – o coração da loucura de 2015”.

O filme mostra que os colegas de profissão de Nise, adeptos de práticas invasivas na psiquiatria, ficavam contrariados e incomodados com os êxitos do trabalho terapêutico que ela desenvolvia. Eles colocaram inúmeros obstáculos e chegaram ao absurdo de eliminar cruelmente os cães que foram introduzidos por Nise naquele contexto para estimular a afetividade dos internados. Muitas práticas de lazer vivenciadas por eles, como passeios e piqueniques em locais públicos, foram proibidas (GOMES & BRITO, 2019, P. 645).

Mesmo diante da postura adversas de seus colegas psiquiatra Nise não se intimidava e até encontrava apoio que culminava em parceria, como do artista plástico Almir

Mavignier, na época ocupava o cargo burocrático na instituição.

O ateliê reunia e separava o artista e a médica, cujos interesses pelo trabalho artístico dos internos, desde o início, se revelaram distintos: para Nise da Silveira, importavam os problemas científicos e terapêuticos suscitados pelas obras produzidas pelos doentes, para Mavignier, o seu valor artístico (VILLAS BOAS, 2008, p.201).

Creditando o trabalho de Nise ele passou a desenvolver um trabalho com empenho nas atividades expressivas que revelavam novas artistas para compor o então revelado movimento concretista. Já “a médica sustentava que as atividades expressivas materializavam o que chamava de mundo interno em imagens, possibilitando sua visualização” Magaldi (2018, p.127).

De acordo com Ferreira apud Magaldi (2020) Nise era despreocupada em relação à divulgação da sua imagem, ela defendia que seu trabalho tinha cunho científico e não precisariam de sua presença para ter continuação. Nesse contexto ao mesmo tempo em que ela desenvolvia seu trabalho com os pacientes no ateliê no Rio de Janeiro e em São Paulo um movimento da arte emergia. Assim,

A história do Ateliê do Engenho de Dentro está ligada ao movimento concretista que se iniciou nas cidades do Rio de Janeiro e de São Paulo, no período do pós-guerra, e mudou radicalmente o perfil da arte moderna no Brasil da segunda metade do século XX. Em contraste com o programa estético anterior, que adotava uma concepção figurativa e tinha por objetivo “representar” a “nação brasileira”, os artistas concretistas dedicaram-se às experimentações com cores, formas, linhas e pontos (VILLAS BOAS, 2008, p.198).

Isto demonstra que se por um lado Nise se afastava das “receitas prontas” dos manuais de psiquiatria, por outro ela se integrava a movimentos que de algum modo corroboravam com suas práticas de cuidado aos doentes mentais.

Mostrando em incontáveis documentos as vivências sofridas pelos esquizofrênicos, bem como as riquezas do seu mundo interior apenas invisíveis para aqueles que se detêm apenas na miséria de seu aspecto externo, o Museu de Imagem do Inconsciente aponta para a necessidade de uma reformação da atitude face a esses doentes e para uma radical mudança dos

tristes lugares que são os hospitais psiquiátricos (SILVEIRA, 1987, p. 58).

Pode-se perceber pelo exposto que isto implicava a reinserção e reintegração dessas pessoas ao convívio social pelo fato de suas pinturas e molduras levarem suas assinaturas.

Podemos, portanto, admitir que essas imagens surgem das regiões da psique que Jung denominou inconsciente coletivo. Sob essa denominação, ele entende um funcionamento psíquico inconsciente comum a todos os homens, fonte não só das pinturas simbólicas modernas, mas de toda produção similar do passado. Essas imagens nascem de uma necessidade natural e vêm satisfazê-la (SILVEIRA, s/d, p.13).

Além dos resultados positivos que Nise via nas expressões criativas dos doentes, ela, como defensora do “afeto catalisador” das emoções e amante dos gatos, defendia e inserção de animais no tratamento terapêutico como co-terapêuticos. Vejamos seu relato:

Observei que os resultados terapêuticos das relações afetivas entre o animal e o doente eram excelentes. Mas era difícil que ideia tivesse campo para desenvolver-se. No Brasil a aproximação entre doente e animal infelizmente ainda não era cultivada. A preocupação dos terapeutas, ao contrário, afastava o animal do doente, sob alegações inconscientes. Compensadoramente, amigos distantes foram solidários: o prof. Boris Levinson, psicanalista americano, comentou por carta esses fatos ocorridos no Brasil, como a expulsão, o envenenamento ou morte contra os animais. Eis um trecho da carta: “Sem dúvida, para muitos desses doentes, os animais eram sua única linha de vida para a saúde mental” (SILVEIRA, 1998, p.53).

Dessa forma, observamos que Nise estabeleceu uma relação estreita entre arte e saúde mental. Seu legado transmite a possibilidade de um olhar para além do visível quando diante de um doente mental.

UM LEGADO QUE NOS ENSINA A CUIDAR: ARTE NA SAÚDE MENTAL

Nise morre em 1999, mas deixa como herança de uma prática de cuidado humanizada e inspiradora baseada no “Tripé Terapêutico, composto pelas categorias afetividade, atividade e liberdade” (Melo, 2001; 2005

apud OLIVEIRA et al, 2017, p.26)

Nise desenvolvia atividades expressivas com os pacientes deixando-os bem à vontade, sem roteiro a ser seguido os pacientes usavam a arte como forma de expressar aquilo que estava vivo em si. Por outro lado, Nise usava arte em forma de terapia sustentando o seu modo de tratar aquelas pessoas no afeto.

Os movimentos internacionais de vanguarda tais como expressionismo, cubismo, dadaísmo exigiam liberdade estética. Influenciaram diretamente a arte no Brasil, culminando com o modernismo artístico e literário. É nesse período que se estabelece conexão entre arte e psicologia com o sistema cultural, pedagógico e científico. O enfoque inovador de estudos sobre ciência e arte, e principalmente com as produções expressivas dos doentes mentais, surgiu na Alemanha, Áustria e França, chegando ao Brasil (...). Os estudos iniciais da psiquiatria com a arte traçam paralelos entre a expressividade dos loucos, a arte infantil dos primitivos e a arte moderna (TOMMASI, 2005 apud TORRE, 2018, p.66).

Nesse contexto Nise tem um expressivo destaque dentro da psiquiatria e no tratamento com doentes mentais. Isso porque, de acordo com produção audiovisuais, (Filme: Nise: o coração da loucura, 2015; vídeo: ciência e Letras - Nise da Silveira, 2013) a intervenção a partir da expressão artística e o contato com a natureza apresentava significativa melhora nos pacientes. Essa evolução no tratamento resultava no aumento da sociabilidade, desde o contato com o outro, a conversa com familiares, visto que, Nise resgatou alguns parentes dos pacientes para entender melhor o porquê do internamente e na tentativa de reaproximação e reabilitação.

Nise via na arteterapia, no afeto a possibilidade de reinserção do indivíduo ao meio social, por isso, apostava numa intervenção sem uso de meios invasivos onde não se percebia a evolução positiva do paciente.

Entusiasmada com os primeiros resultados, Nise da Silveira e sua equipe estabeleceram quatro vertentes de trabalho: estudar as bases teóricas para um tratamento que leve em consideração as atividades ocupacionais; estabelecer critérios básicos de funcionamento; implementar diversos setores de atividades de acordo com a finalidade; e catalogar a produção de cada cliente em série. Os estudos empreendidos tiveram conseqüências inesperadas e o rico manancial daí advindo ainda não encontrou uma ampla discussão, principalmente no que diz respeito à implantação dos Centros de Atenção Psicossocial

que vem ocorrendo em todo o país (MELO, 2009, p.45).

Dessa forma Nise encontrava no afeto um caminho possível para que o indivíduo pudesse vivenciar seu próprio processo trazendo elementos do inconsciente ao encontro das emoções que ainda se encontravam vivas. Nesse sentido

Deve-se destacar ainda que a psiquiatra alagoana lidava com pacientes cuja comunicação verbal era extremamente comprometida. Ademais, a médica não via no modelo assistencial de sua época nenhuma tentativa substantiva de buscar uma compreensão das vivências subjetivas das psicoses. O uso das imagens constituiu, nesse sentido, um recurso privilegiado de acesso ao que chamava de “mundo interno” de seus pacientes (MAGALDI, 2018, p.75).

O projeto terapêutico de Nise era voltado para uma dimensão até então ignorada, a subjetividade, as experiências internas no campo da individualidade, ou seja, uma clínica para o sujeito como um todo, na qual o seu processo de adoecimento não o impossibilitava de ser partícipe do convívio social e familiar.

Nise estipulou parâmetros para estabelecer uma clínica. Ela criou e adotou recursos para: a) avaliar e propor métodos terapêuticos; b) propor meios especiais de cuidados para as condições subjetivas dos psicóticos; c) investigar o diagnóstico e as experiências das pessoas em tratamento. Temos, assim, uma clínica aliada ao estudo dos processos psicóticos (MELO & PACELLI FERREIRA, 2013, p. 559).

Deixamos claro que “não se tratava de uma escola de arte” Magaldi (2018, p.75), “sendo assim, além dos aspectos afetivos e expressivos, o ambiente propício ao tratamento deveria se pautar na liberdade” Melo & Pacelli Ferreira (2013, p. 561).

Pelo exposto, podemos inferir que os esforços empreendidos pela psiquiatria acabaram caminho para reformulações das práticas voltadas aos cuidados com doentes mentais, abrindo, assim, espaços para debates em torno de um novo olhar para o sujeito com adoecimento mental. Um olhar holística e principalmente um tratamento como foco no sujeito.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A trajetória de Nise da Silveira nos permite observar uma história frutífera de superação em vários aspectos da constituição do seu legado.

A partir da análise, objeto do desse artigo, inferimos que a história de Nise vai além da superação, pois ela nos indica, também, inovação. Se de um lado ela superou um modelo convencional biomédico, fisicalista. Por outro lado, ela inovou no tocante ao tratamento com doentes mentais ao inserir a arte e animais.

A análise possibilitou percebermos que Nise da Silveira contribuiu para a área de saúde mental pelo fato de considerar um tratamento humanizado no qual o sujeito não é somente um ser acometido e diagnosticado por um

manual, mas acima de tudo ele é uma pessoa que composta de uma complexa conexão intrinsecamente interligada, ou seja, todos os aspectos da vida desse sujeito devem ser levados em consideração e especialmente ele deve ser parte desse processo.

Portanto, concluímos que Nise desafiou os padrões inerentes ao tempo de sua atuação. Uma mulher na ciência, inserida em espaços onde prevalecia a presença figura masculina, ousou usar métodos novos de tratamentos para os doentes mentais que além de conseguir mostrar melhoras expressivas dos pacientes, devolveu-os o convívio social, o reconhecimento de evolução efetiva da dimensão afetiva do contato com o outro e com o mundo.

REFERÊNCIAS

- CASEIRA, F. F.; MAGALHÃES, J. C. “Para mulheres na ciência”: uma análise do programa da L’Oréal. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 10, n. esp2, p. 1523–1544, 2016. DOI: 10.21723/riaee.v10i6.8335. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/8335>. Acesso em: 20 fev. 2021.
- CASTRO, E D de; LIMA, E M F A. Resistência, inovação e clínica no pensar e no agir de Nise da Silveira. **Interface (Botucatu)**, Botucatu, v. 11, n. 22, p. 365-376, agosto. 2007. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141432832007000200017&lng=en&nrm=iso. Acesso 17 Fev. 2021. <http://dx.doi.org/10.1590/S1414-32832007000200017>.
- CAVALLI, M B; MEGLHIORATTI, F A. A participação da mulher na ciência: um estudo da visão de estudantes por meio do Teste Dast. **ACTIO docência em ciência**. Paraná, 2018 V. 3 N. 3. Disponível em: <https://periodicos.utfpr.edu.br/actio/article/view/7513>. Acesso: 20 fev. 2021
- CIÊNCIA e Letras - Nise da Silveira. Roberto Farias (2013). 1 vídeo (26:13 min) Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=YqpFT-Tgrrs>. Acesso em: 28 fev. 2021
- FRAYZE-PEREIRA, J A. Nise da Silveira: imagens do inconsciente entre psicologia, arte e política. *Estud. av.*, São Paulo, v. 17, n. 49, pág. 197-208, dezembro de 2003. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010340142003000300012&lng=en&nrm=iso. acesso em 18 de fev de 2021. <https://doi.org/10.1590/S0103-40142003000300012>.
- GOMES, C L; BRITO, C M D. “Nise, o coração da loucura”: representações femininas em um filme sobre a terapêutica ocupacional. **Cad. Bras. Ter. Ocup.**, São Carlos, v. 27, n. 3, p. 638-649, Set. 2019 Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S252689102019000300638&lng=en&nrm=iso. Epub Aug 22, 2019. <https://doi.org/10.4322/2526-8910.ctao1730>. Acesso em: 28 fev. 2021.
- GUATARI, F & ROLNIK, S. *Micropolítica: cartografias do desejo*. 4º edição Petrópolis: Vozes, 1996.
- KOVALESKI, N J V, et al. As relações de gênero na história das ciências a participação feminina no progresso científico e tecnológico. *Emancipação*, ISSN-e 1982-7814, Vol. 13, Nº. 3, 2013, págs. 9-26. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5456430>. Acesso: 20 fev. 2021.
- LEAL, L G P. Entrevista com Nise da Silveira. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília, v. 14, n. 1-3, p. 22-27, 1994. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141498931994000100005&lng=en&nrm=iso. 2021. <http://dx.doi.org/10.1590/S1414-98931994000100005>. Acesso em: 28 fev. 2021.
- MAGALDI, F S. A psique ao encontro da matéria: corpo e pessoa no projeto médico-científico de Nise da Silveira. **História, Ciências, Saúde-Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 25, n. 1, p. 69-88, Mar. 2018. Rio de Janeiro, v. 25, n. 1, p. 69-88, Mar. 2018. Disponível em >

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010459702018000100069&lng=en&nrm=iso>. Acesso: 17 Fev. 2021. <https://doi.org/10.1590/s0104-59702018000100005>.

- A metamorfose de Adelina Gomes: gênero e sexualidade na psicologia analítica de Nise da Silveira. **Sex., Salud Soc. (Rio J.)**, Rio de Janeiro, n. 30, p. 119-140, Dez. 2018. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S198464872018000300119&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 17 Fev. 2021. <https://doi.org/10.1590/1984-6487.sess.2018.30.06.a>

- Mania de liberdade: Nise da Silveira e a humanização da saúde mental no Brasil. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2020.

MELO, W. (2009b). Nise da Silveira e o campo da Saúde Mental (1944-1952): contribuições, embates e transformações. **Mnemosine**, v. 5, n° 02, p. 30-52. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/mnemosine/article/view/41432>. Acesso em: 02 de mar. 2021.

MELO, W; PACELLI FERREIRA, A. Clínica, pesquisa e ensino: Nise da Silveira e as mutações na psiquiatria brasileira. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, vol. 16, núm. 4, dezembro, 2013, pp. 555-569. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141547142013000400005&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 17 fev 2021. <http://dx.doi.org/10.1590/S1415-47142013000400005>.

NISE: O Coração da Loucura. Direção: Roberto Berliner. Produção: Rodrigo Letier e Lorena Bondarovsky. Intérpretes: Glória Pires; Simone Mazzer; Julio Adrião; Cláudio Jaborandy; Fabrício Boliveira; Roney Villela; Flávio Bauraquí; Bernardo Marinho; Roberta Rodrigues; Augusto Madeira; Zé Carlos Machado e outros. Roteiro: Roberto Berliner, Flávia Castro, Maurício Lissovski, Chris Alcazar, Maria Camargo, Patrícia Andrade, Leonardo Rocha. São Paulo: Imagem Filmes Produtora Ltda - Epp; W Mix Distribuidora de Filmes, 2015. (109 min), color

OLINTO, G. A inclusão das mulheres nas carreiras de ciência e tecnologia no Brasil. **Inclusão Social**, v. 5, n. 1, 28 nov. 2012. Disponível em: <http://revista.ibict.br/inclusao/article/view/1667>. Acesso 24 fev. 2021

OLIVEIRA, P F de; et al. Afetividade, liberdade e atividade: o tripé terapêutico de Nise da Silveira no Núcleo de Criação e Pesquisa Sapos e Afogados. **Pesqui. prá. psicossociais**, São João del-Rei, v. 12, n. 1, p. 23-35, abr. 2017. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S180989082017000100003&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 01

mar. 2021.

SANTOS, G & CARVALHO, T. (2016). Gênero, profissões e carreiras: oportunidades, constrangimentos e desafios: uma nota introdutória. ex aequo - Revista da Associação Portuguesa de Estudos sobre as Mulheres. 10.22355/exaequo.2016.33.01. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/308754974_Genero_profissoes_e_carreiras_oportunidades_constrangimentos_e_desafios_uma_nota_introdutoria. Acesso em: 20 fev. 2021

SCHIEBINGER, L. Mais mulheres na ciência: questões de conhecimento. Apresentação de Maria Margaret Lopes. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, v.15, supl., jun. 2008, p.269-281. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010459702008000500015&lng=en&nrm=iso>. acesso em 24 de fevereiro de 2021. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-59702008000500015>.

SILVEIRA, N. Gatos a emoção de lidar. Com fotos de Sebastião Barbosa – Rio de Janeiro: Léo Christiano Editorial, 1998.

- Texto: o mundo das imagens. s/d. Disponível: <https://filosoficabiblioteca.wordpress.com/2017/10/08/silveira-nise-da-varios-titulos-pdf-livros/>Acesso em: 08 mar. 2021.

- Exposição: Museu de Imagens do inconscientes: os inumeráveis estados do ser; arqueologia da psique, 1987. Disponível: <https://filosoficabiblioteca.wordpress.com/2017/10/08/silveira-nise-da-varios-titulos-pdf-livros/>Acesso em: 08 mar. 2021.

TORRE, E H G. Saúde mental, loucura e diversidade cultural: inovação e ruptura nas experiências de arte cultura da reforma psiquiátrica e do campo da saúde mental no Brasil. 2018. 352 f. Tese (Doutorado em Saúde Pública) - Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2018. Disponível em: <https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/>. Acesso em: 01 de mar. 2021.

VILLAS BOAS, Gláucia. A estética da conversão: o ateliê do Engenho de Dentro e a arte concreta carioca (1946-1951). **Tempo soc.**, São Paulo, v. 20, n. 2, p. 197-219, Nov. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010320702008000200010&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 18 Fev. 2021. <https://doi.org/10.1590/S0103-20702008000200010>

YASUI, S. Rupturas e Encontros: desafios da Reforma Psiquiátrica brasileira. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2010. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/8ks9h>.